

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 2 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 91

Guimarães, 8 de Janeiro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade—FAPE

ERA NOVA

Dia a dia vão os factos demonstrando o quanto havia de fictício nos apregoados antagonismos entre o regime republicano e a religião católica.

A imposição do barrete cardinalício a Mgr. Locatelli, sendo o restabelecimento de uma velha prerrogativa, marcará, sem duvida, o inicio de uma nova fase nas relações entre a Republica e a Santa Sé, como provou que é da alta consideração em que no Vaticano é tido o nosso país, deste modo se anulando o estafado tema da intolerância das instituições e dos propositos de perseguição que estas nutriam contra o catolicismo. Testemunho insofismável de que a neutralidade de Estado em materia religiosa é segura garantia para o livre exercicio de quaisquer religião e de que o regime de separação em que vivemos hoje em nada atenta contra este ou aquelle credo religioso, tendo apenas em vista sustentar e nobilitar a supremacia do poder civil, a supremacia do proprio Estado,

o facto que nos referimos, terá ainda o condão de acabar de vez com os mal entendidos de uma parte do clero, mal entendidos, que a acção ordinaria dos monarchicos fez degenerar, por vezes, em rivalidade, dando foros de problema insolúvel ao que não passava de intriga vil, habilmente forjada e tenazmente explorada para fins politicos. A lenda de que a Republica preparava o encerramento das egrejas e vexava o clero encontra-se assim desfeita pelo digno remate que a Santa Sé soube dar á politica de pacificação e aos principios tolerantes porque se orientam as instituições republicanas.

Congratulamo-nos com o facto e esperamos que desta festa os catholicos perceberão que, para a concordia que deve existir nas relações entre o Estado e a Igreja romana, necessario é pôr termo as ingestões cavilosas de creaturas para os quaes a harmonia entre a familia portugueza nada é em paralelo com os seus interesses politicos.

DESMASCARANDO

Foi uma azafama nos arraias monarchicos, quando constou que Mgr. Locatelli receberia o barrete cardinalício das mãos do venerando Presidente da Republica. Desde então, columnas cerradas de prosa mais negra nos intuitos do que na tinta em que era escrita, eram lançadas em investidas, ora sarcásticas, ora preciosas, contra o que eles diziam ser um absurdo. Podia lá ser... O Sumo Pontifice bem via que isso equivalia ao reconhecimento puro e simples das leis dum estado que primava em guerrear o catolicismo.

Não; isso era absurdo.

E o ataque continuou desta forma, hoje alentando-se na ironia, depois e sempre mostrando

o desespero dos fieis á causa, ao verem o espirito conciliador que presidia ás negociações entre os dois poderes. Entretanto, uma a uma lá se lhes foram morrendo as esperanças, e, então, vá de recorrer á intriga vil.

Foi quando o chefe do Estado se encontrava no Brazil. Todos reconheceram que Antonio José de Almeida se desempenhou da alta e melindrosa missão de que ia incumbido com intelligencia, tino politico e patriotismo inescandíveis. Não viu a imprensa carioca nos actos e nas palavras do nosso Presidente nada, absolutamente nada, que pudesse magoar o povo irmão nas suas convicções politicas, ou nos seus sentimentos

religiosos, antes foi toda ela de accordo em classificar de brilhante a attitude do nosso enviado especial. Pois, os fieis é que não quiseram saber disso e, naquella ansia de bem servirem a causa, mesmo á custa da verdade, largaram-se sem reboço á fama de falsear intenções, de deturpar palavras, tudo isto com um desplante e um arreranganho, que nem os proprios interesses nacionais eram poupados. Mas, em vão trabalharam: o plano fidiu e a data da imposição do barrete cardinalício ia fixar-se.

Que fazer então? Como evitar o golpe? Só um recurso lhes restava. Era torpe, era infame, mas... que fazer-lhe! A causa acima de tudo. E viu-se então e está agora a vê-se de quanto é capaz o escalracho que se diz «monarchico militante»; viu-se e vê-se ainda até onde chega a falta de escrúpulos dos varios Sinhores Laboreiros que por aí medram.

O recurso, o ultimo recurso, estava em lançar a dissensão entre a familia republicana, chamando á liça os livres pensadores, procurando por todas as formas promover o choque entre as correntes de opinião existentes no campo republicano; é este o jogo revoltante a que se dão hoje os monarchicos, ao mesmo tempo que na côrte dos papas, se dão ao repelente mister de frustrarem o que já se conseguiu. É este o jogo aviltante dos inimigos da Republica, jogo que aqui pômos a descoberto, para que se precatem os que ignoram a questão. Confiados em que ainda desta vez eles não cantarão victoria, entendemos do nosso dever chamar a attenção dos republicanos para o assunto, pelas consequências que dele podem advir para as instituições.

«A RAZÃO»

Varios colegas nossos se referiram ao aparecimento de «A Razão» com palavras elogiosas que muito nos honram. A todos elles, especialmente ao illustre collega do Porto, «A Tribuna» os nossos agradecimentos e a certeza de que as suas amáveis palavras serão por nós tomadas á conta de incitamento á obra a que nos propomos. Que os nossos colegas aceitem as nossas saudações e contem sempre com a lealdade da nossa camaradagem

O Mestre

Que o sol com beijos quentes vai entreabrindo!
Oh! almas pequeninas, rosas em botão
Bemdita seja a luz á qual ides sorrindo,
Bemdito seja o sol, Bemdita a instrução!

Abri p'ra ela a alma e o vosso coração,
Para que os raios d'ouro entrem refulgindo;
Que a noite veja a luz do sol fecundo e lindo,
Que a treva dê lugar ao seu vital clarão.

Como da rocha bruta um genial escultór,
Tirando a forma, a vida, a graça e a expressão
Que os olhos me deslumbra e faz vibrar d'amór

As mais ocultas fibras do meu coração;
Assim tambem o Mestre, artista encantador,
Conquista a vossa alma á treva, á cerração.

H. A.

O ADUARISMO

Na hora lesvairada que passa, cheia de incertezas e angustias, para a sociedade portugueza, como de resto para a maioria das sociedades do *après la guerre*, sopra uma rajada de indisciplina que urge combater para salva-la do caos em que ameaça subverter-se. Neste momento de responsabilidades tremendas enquanto politicos inconscientes ou criminosos se degladiam em questinçulas mesquinhas ou se associam na defesa de baixos interesses pessoais é mister que o educador, o pae e o filantropo se deem as mãos na tarefa sobre todas patriótica de preparar melhores dias á familia portugueza. Importa menos legar a nossos filhos uma herança matrial avultada, que a anarquia lhes não deixaria usufruir, do que dias de calma e estabilidade, indispensaveis ao trabalho disciplinado e ordeiro, o unico construtivo, o unico que permite ás nacionalidades o prosperarem na paz.

Para esta obra de reorganisação, de disciplina social, que o mesmo é dizer de disciplina individual, para a constituição do ambiente indispensavel é boa produtividade das diversas classes é mais necessaria a acção dos educadores que a dos

governos. Mas a educação necessaria é a educação integral. Ministar apenas educação litteraria é dotar a nação com cidadãos incapazes de bem conduzir-lhe os destinos por falta do senso pratico indispensavel, por carencia do vigor fisico necessario. Ensinar apenas a ler, ensinar a ler sem fazer educação moral é quasi fornecer uma arma a mais aos baixos instintos da alma humana. Importa antes de tudo fazer educação civica, fazer educação associativa, desenvolver as qualidades uteis á simbiose das diversas camadas sociais para que os membros da desavinda sociedade portugueza reencontrem o sentimento da solidariedade que a tornou grande, empreendedora e prospera em passadas epochas da nossa história. Eis a missão do Aduarismo. Como se propõe realiza-la?

Aproveitando as propensões imitativas, o desejo ardente de experimentar as proprias forças, o espirito d'aventuras, as tendencias cavalheirescas, a atracção das coisas novas, grandes e belas que possuem as gerações moças, ainda libertas do egoismo hipertrofiado á sombra duma concorrência ou duma discordancia de interesses, que mais separa que, liga os homens d'hoje.

Educando-os pelo prazer, é a melhor forma de tornar proficua e duradoura a sua acção. Proporcionando-lhes numa

vida simples, duma simplicidade conveniente á sua intelligencia que desabrocha, a resolução dos multiplos problemas que surgem em qualquer aglomeração humana.

Oferecendo á creança d'ontem, ao homem d'amanhã o termo de transição para que se faça sem brusqueira, como é mister, a passagem da irresponsabilidade e da despreocupação das primeiras edades á responsabilidade e as preoccupações da faze adulta.

Pondo os jovens d'hoje em contacto com as virtudes da vida simples dos primitivos; fazendo-os usufruir os efeitos vivificantes da vida ao ar livre; aguerrindo-os contra as variações do meio ambiente; habituando-os ás praticas higienicas; mostrando-lhes desde cedo as vantagens da associação dos esforços individuais para vencer os obstaculos que natural e sucessivamente se lhes deparam no decorrer de excursões, passeios, acampamentos e mais exercicios, em que instrutores devotados lhes proporcionam lições das coisas; levando-os a resolver por si próprios, com a ajuda apenas consigo, todas as dificuldades que se lhes deparam, sob as ordens de superiores que eles próprios elegeram, segundo os preceitos duma disciplina imprescindivel para que qualquer agrupamento humano possa progredir e sob a vigilância paternal e esclarecida de directores competentes.

Aprendem assim, na *Universidade Natureza*, conhecimentos insubstituiveis para se tornarem factores positivos de eleição na engrenagem social que o futuro lhes destinar evitando ambientes perniciosos. Tornar-se-hão robustos, corajosos, resolutos, activos, alegres, trabalhadores, ordeiros respeitadores, disciplinados, conhecedores do seu dever, consciões de que numa sociedade, qualquer que seja a sua forma de constituição politica e o talento e boa vontade dos seus membros directores o progresso e o bom estar nacional é obra de esforço colectivo e disciplinado de todos os cidadãos, porque o espaço individual, isolado e desarmonico, norteados pelo egoismo das gerações hoje dominantes apenas conduz á derrocada, ao mal estar e á anarquia.

É necessário, pois, fazer cidadãos, preparar a nossos filhos melhores dias. Que no auxilio que nos deveis, ó pais portugueses, vos não detenha o sentimento egoista e criminoso de que mal ou bem ides vivendo e quem vier depois que se aguenta. Cumpre pagar para com os nossos descendentes a vida em aberto para com os nossos Maiores. Se não fora o sentimento altruista que os nortea, os seus agricultores jamais plantariam as arvores que hoje nos obrigam e nos dão fruto.

J. J. Lobão de Carvalho,

Adail-Mor Geral Adjunto.

Ensino religioso

Não, senhora minha; apesar de todo o meu desejo de lhe ser agradável, eu não posso concordar em que haja justiça nas apreciações que faz sobre o que aqui escrevi a respeito do ensino religioso. Como quer V. Ex.^a que estejamos de acordo, que dê como justa a critica que que lhe mereci, se para ela parte de um ponto, de uma base falsa? Onde viu V. Ex.^a que eu condenasse o ensino religioso nas escolas? Não fiz, como verá se ler com mais atenção o meu artigo, a mais leve afirmação a esse respeito. Simplesmente, eu tentei demonstrar que, para que houvesse ensino religioso, escusado seria que ele se ministrasse nas escolas. Outra conclusão se não pode tirar do que escrevi.

Defender isso é o mesmo que aplaudir a imoralidade em que vivemos, diz V. Ex.^a como já fiz ver, eu não defendi isso nem o... contrario; quanto á imoralidade, permitita que discorde ainda de V. Ex.^a. Na verdade, attribuir a imoralidade á falta de ensino religioso nas escolas, como quer, é vêr as coisas por um prisma muito estreito. Podemos, por ventura, attribuir a estes parcos 12 de anos de Republica e de escola sem religião, como dizem os *bem-intencionados*, a reversão, a dissolução dos costumes, que caracterizam a época! Já reparou V. Ex.^a na idade que tem aqueles que accusamos de causadores da corrupção que por aí se vê? Não reparou, de certo; caso contrario, teria visto que eles não se instruíram, não se educam na tal escola sem Deus, de que me fala na sua carta. São de outra escola; uma escola que nem eu nem V. Ex.^a, jamente o creio, tivemos ou frequentamos.

Não é isso verdade? Não é verdade que 12 anos de escola neutra não podiam produzir os finórios que hoje nos martirizam com as suas ambições sem limites, com as suas exproliações repetidas?... Pois é claro: os velhos ladrões de hoje, os deslavados arjentarios dos nossos dias, não são já dessa escola, mas da outra, da do *venha a nós*, como muito expressivamente diz o vulgo; são da escola do *venha a nós* o vosso, que o nosso está seguro. Não, minha senhora; vem de mais longe o mal: vem da falta de educação, quer moral quer civica; daquela educação que a familia não sabe dar, daquela educação que o meio abastardou, criando instrumentos varios de desmoralização.

Não acredita? Mas deve acreditar, que eu apresento-lhe bem flagrantes e incontestaveis exemplos. Veja V. Ex.^a o cinematografo. Já viu maior e melhor escola de vicio, do crime, emfim, de toda a casta de imoralidade? Ali vem tudo á su-

perficie: a carta anonima que denuncia; o punhal que vinga; o estupro, o adulterio, o concubinato, o roubo, o assassinato; tudo emfim, todas as doenças de que sofre a miséria sociedade em que vivemos.

E quem vê V. Ex.^a lá, quem frequenta o cinematografo? Eu não costumo lá ir; mas vejo quem lá vai e sempre, entre os que lá vão, estão creanças; vejo que a maioria dos que lá vão são creanças, adulescentes e mulheres, exactamente aquelles que lá não deviam pô os pés. Uma vergonha, e, todavia, eu não vi ainda que os que protestam contra a escola neutra tenham protestado contra esta outra, antes pelo contrario: frequentem-na. Não é verdade?

E tão facil era fazer do cinematografo um belo agente educativo... Mas não querem ou, melhor, não queremos, como prova o facto de ficar a casa ás moscas, quando no écran passa uma fita a que falte o sabor rocambolesco.

Eu sei mesmo de empresarios que tem tentado fugir a que eles chamam o *gosto da época*; mas cedo se arrependem e logo voltam ao que reputam um erro. É isto, senhora minha; são cousas como estas que mais contribuem para a dissolução actual. Convençamo-nos de que na escola, com ou sem religião, sempre se ensina moral e de que não é nella que a imoralidade se gera. São outras as causas, e tantas e tão remotas algumas, que bem podemos dizer que elas nasceram conosco. Mas isto levar-nos-há longe e eu não quero tornar mais funda e mais patente a dissensão entre os nossos modos de vêr.

Dório.

Camara Municipal

Tomaram posse, no passado dia 2, os novos vereadores do municipio de Guimarães, a quem, no proximo triénio, ficarão entregues os destinos deste concelho.

Esperamos que dêes venha alguma coisa de proveitoso para esta terra, pois, tratando-se duma vereação na sua maioria republicana, confiamos na sua eficaz acção e boa vontade de servir quem os elegeu.

Productos

SHELL

Os melhores

Reflexões sobre a egualdade

(Continuado de n.º 1)

Dissemos que a aptidão no campo biologico, exteriorisada na estrutura fisica, se manifesta semelhantemente no campo sociologico pela estrutura moral. Exemplifiquemos: entreguem um palacio, com o mais requintado conforto, asseio e arte, a um espirito rude e inculto, para que nele habite e dele disponha como propriedade sua; em breve tempo estará irremediavelmente transformado num pardieiro imundo e ignobil! Porque? pela razão simples de que o seu possuidor não era intelectualmente *apto* para viver num palacio; é justo, pois, é racional que viva numa choupana quem num palacio está deslocado do seu meio proprio. Dirão imediatamente os falsos ou ignorantes propagandistas da egualdade que o homem, qualquer que seja o seu grau de cultura, não carece, *para viver*, de habitar palacios construidos com o esforço dos menos afortunados, devendo portanto cada qual banir do seu espirito todo o desejo, toda a ambição cuja realisação possa prejudicar o seu semelhante. Mas, pensando-se com tal isenção, poucas coisas restam absolutamente necessarias e indispensaveis á vida humana. O antigo eremita, no seu anti-social isolamento do mundo exterior, precisava apenas de uma caverna que o livrasse das intemperies, a pele de um animal que o cobrisse do frio, alguns fructos que o alimentassem. Nada mais carecia. O espirito mais igualitario, mais justo, nesta ordem de ideias, será portanto o que for menos exigente, e que, por isso, menos pesado se torne ao seu semelhante. Donde nós concluimos, logica e deductivamente, que a maxima expressão da egualdade será a vida primitiva e selvagem, oposta a toda a ideia de conforto, de civilização, de progresso, a vida mais animal e anti-humana! Isto é absurdo. O homem não retrocede á barbaria primitiva. Caminha sempre, embora o progresso cada vez diferencie mais e torne mais nitida a separação de classes, e dia a dia estabeleça maior luta, maior desigualdade, maior intensidade vital portanto. É do entrecocar de ambições que nasce o esforço, o sofrimento, a beleza! Uma humanidade de felizes, de eguaes, de satisfeitos, seria um mundo de dormentes, sem acção, sem energias, sem circulação, sem vida!...

Considerada sob o aspecto emotivo nós vemos ain-

da que a aspiração de egualdade é uma ideia essencialmente estetica, contrária a toda a noção de beleza. Notemos primeiro que os evangelizadores da egualdade, universalmente conhecidos, são muitas vezes, a maior parte das vezes, espiritos meramente filosoficos, mas absolutamente falsos do senso pratico da vida e de toda a sensibilidade artistica. O seu ideal é apenas um problema frio a resolver — o problema torturante da miséria, donde foi excluída toda a emoção superior do belo. Ora um ideal só é grande pelo somatorio de beleza que encerra, e a beleza só existe na Arte!

Mas, por muito que isso contrarie a opinião de alguns criticos, a arte é uma das manifestações do espirito humano, talvez a unica, que não pode socializar-se, generalizar-se, igualar-se, nivelar-se, porque é apenas do dominio dos eleitos, e a sua superioridade está precisamente na sua aparente inutilidade social e no seu campo de restricção. As joias, as sedas, as estatuas, os palacios, o luxo emfim, todas essas coisas belas que se nos apresentam como manifestações d'arte são certamente bem dispensaveis ás funções organicas da vida humana, são inuteis, são superfluas para viver, no sentido funcional e material da palavra. Mas pobre e miseranda humanidade que banisse toda essa divina superfluidade; cahiriamos na mais estupenda degradação do espirito! A mulher, a eterna inspiradora da arte, a mais alta expressão da arte, perderia todo o seu poder de atracção material e restaria apenas a femea reproductora: o amor traduziria apenas a necessidade genesica. O que distingue pois o nosso amor do dos animaes inferiores? Precisamente e unicamente a emoção d'arte de que rodeamos a mulher. Desde as eras mais remotas e, presentemente até entre os povos mais selvagens, imagem actual da vida primitiva, nós vemos no homem e na mulher a tendencia para o adorno, para a diferenciação do vulgar pelo luxo, pela arte, embora primitiva, embora na infancia, pela criação da beleza, numa palavra. Eis aqui a arte, desde a sua forma primitiva até ás mais superiores concepções, fomentando tambem a desigualdade humana, estabelecendo nitidamente a diferenciação dos homens pelo seu maior ou menor grau de emotividade.

Desçamos agora aos próprios instintos que nos movem e raciocinemos: a atracção sexual provoca a necessidade da mulher e, em consequencia, a luta para a sua posse desperta involuntariamente entre os homens a inveja, o orgulho, o ciúme, numa palavra—a luta, a guerra, a desigualdade; «nam fuit ante Helenam mulier telerrima belli causa». Estes sentimentos instintivos, irradiados de um impulso inconsciente, também comum aos irracionais e gerados pela luta para a posse da femêa («lei do combate» — Darwin), são absolutamente naturais no homem, e não ha sistemas de filosofia ou moral, nem organizações sociais que os dominem: são carateres inatos. Mas no homem, para além da cópula instintiva, persiste e perdura, ainda mais fortemente, o sentimento levantado e indestructivel do amor! E, para haver amor, ha de necessariamente existir o sentimento antagonico—o odio. Se não existisse este como poderíamos conceber o amor, se tudo no mundo vive pelo contraste, pelo inverso que salienta as coisas e as torna visiveis, da mesma forma que ninguém comprehende (a não ser no campo das abstracções geometricas) uma face sem um reverso, um pólo sem o outro, um zenith sem um nadir?! Ora, precisamente

esta luta, esta repulsão instintiva, resultante da concorrência no dominio sexual, seria suficiente, por si só, para manter eternamente o homem no campo da desigualdade, jamais o conduzindo a um entendimento harmonico.

(Continúa).

M. C.

NOTA—O artigo anterior sahio mal revisto. Em vez de vasos dizia vagos; tendo por tende; abunda em vez de ab surda; etc..

ECOS

—Todo o mundo, quer scientifico quer profano, evocou na dia 27 de dezembro o nome de Luiz Pasteur, o grande sabio a quem a Humanidade tanto deve em virtude das suas descobertas e das curas de tantos e tão perniciosos males. — A raiva, para a qual o grande sabio mais tenazmente lançou os seus esforços do seu saber profundo e da sua intelligencia, venceu-a ele e é sem duvida desta sua assinalada Gloria que a Humanidade mais se regosija, precisamente por haver dela maior felicidade. — Que o

nome do grande sabio seja sempre com a nossa alma agradecida.

...E' para lamentar, no entanto, que outro sabio não tenha até agora concluido a obra de Pasteur, tão elevadamente começada.—Infelizmente, a vacina que o grande sabio descobriu, ainda não tem a virtude de penetrar nas almas e daí... a razão porque por aí vagueia tanta e tanta alma dczinha... Que o «dente santo» lhes valha, ou «S. Fructuoso» lhes acuda.

GRALHAS

Foi como as pragas de que reza a Biblia, o bando de gralhas que caiu sobre o primeiro numero do nosso jornal. Circunstancias variadas levaram-nos a apressar a saída de «A Razão» e daí ó não poder a revisão alcançar a minudencia desejada.

Do facto pedimos desculpa aos nossos presados leitores e colaboradores, prometendo fazer o possivel para que o caso se não repita, pelo menos com a largueza com que agora se deu.

O «TEZO»

Ensaio de prosa regional

(Continuação)

Ora havia na aldeia uns olhos que a vigiavam constantemente, a modo de sentinelas, olhos que queriam enxergar nos ares da mocinha tudo aquilo que a trazia assim desbotada, gasta, numa velhice precoce. Esses olhos eram os de José do Souto, o padrinho da Emilinha, lavradorão abastado, fama quasi de rico. Já entradote na idade, os cincoenta já os tinha elle, e mais ninguém o diria.

Tezo lhe chamavam, porque sempre foi um valentão e valentão era ainda.

Um poder de musculos, caramba, que charrua levantava ele n'uma só mão; ao alto, acima do cocuroto da cabeça!

Lódum nas mãos e repontassem; romaria desfeita n'um ai!, feira vasia enquanto o diabo diz ovos, cabeças abertas sem conta, o diabo, que até nem parecia homem!

Isto enquanto moço.

Agora socegara, alquebradote dos ossos, que não passava inverneira sem gritar com dores, espolinhando-se na cama, entre mantas, agarrado ás pernas que o não deixavam passar noite em socêgo, as malditas

das trancas! No entanto ainda se podia vêr: a peitaca ao deante repuchar-lhe a camisa de estôpa, que aberta deixava vêr o silvêdo do pêlo, duro e comprido, ainda espanto dos olhos cubicosos de muita mulher solteirinha!

Os cepões dos braços carnudos, musculos de pedra, a terminar n'umas mãos enormes, peludas até ás unhas, calosas da moireja das lavras. Sôco d'aquilo matava um. Porem era uma ovelha de coração o Zé Tezo.

Coisa que lhe vibrasse os nervos para o sentimento, zás! os seus olhos eram mais chorrões que os das mulheres, alagadinhos de lagrimas.

—«Diabos leve a gente, mulher! Monte de estêco que sêmos, Deus me não castigue! Antes vêr a casa ardidã e um raio matar-me á uma os animaes do que vêr, isto, caramba...» dizia ele á consorte, no dia do passamento do compadre, pai da Emilinha, corando como um menino deante do cadaver que já fedia.

* * *

E antes! A dôr do o era sincera, porque o Tez a um amigo.

E que amigo! Aquela amizade datava já da idade dos calçotes rachados atrás, a fralda da camisa ao dependuro, sujinha,

picada do pulguêdo! Assim sempre unidos pela vida fora como unha e carne.

Casaram no mesmo dia, á mesma hora. No entanto a negra da velha espreita sempre e lá levou o amigo, deixando-o ainda a êle neste escurissimo vale de lagrimas, a penar, Deus saiba até quando!

Para se consolar um pouco levára a afilhada e a velhota da avó para casa.

Lá estêve muito tempo, mais de ano.

—«Lume n'esse olho, Tonio. Trata-me essa môça como tua irmã, rapaz, que é sagrada para mim!— dissêra êle ao filho quando a levou para sua casa, ao rapazola do Tonio, forçante e destemido, estampa viva do pae, dezanneve anos bem aproveitadinhos, sadics e vigorosos.

* * *

Um dia a rapariga quiz sair, ir para sua casa, aquela sua casinha que o pai lhe deixara comprada a trôco de tanta lagrima e tanta baga de suor!

Teimosa na ideia de partir venceu o padrinho, que lhe tocava no coração chamando-lhe ingrata e mal agradecida. — «Nhôr padrinho, não me chame isso, por alma de quem tem no céu! Se saio é porque vêjo que perciso de sair, de trabalhar, que isto nem vida é...»—

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES

— DE —

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de produtos quimicos e especialidades farmaceuticas; soludos esterilizados, cuidadosamente doseados. Aviamento esculpulo de receitao medico e com produtos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro. Grande stock de especialidades farmaceuticas.

Posto de socorros: } Mutualidade Portuguesa
} O Trabalho

Sapataria Elegante

DE

Artur de Oliveira Sequeira

Sortido completo de calçado para homem, senhora e criança

Largo do Priór do Crato, 46—Guimarães

E o padrinho viu-a partir com o coração esmagado como em tórno dentado, a alma triste como a noite, a pobresinha!—» Rapariga de geito para o Tonio, mulher! Educada a meu modo, que mais queria êle! Assim...»—

* * *

Algun tempo passou, mêzes tristes para o Tezo, que queria á moça como pai, o bom do homem!

Chegaram-lhe aos ouvidos os falatorios a respeito da afilhada, d'aquela tristeza que mais seria feitiço de brucha invejosa da sua belêza e da sua bondade!

Foi então que êle começara a espreita-la, a seguir-lhe os passos, tudo em vão, que o homem nada via. E os dias passavam, a rapariga não saia de casa, senão ao desabrochar da noite para ir á fonte que á venda mandava ela os filhos da Vitorina, uns garôtos que a entertinhavam, adoçando-lhe, com a sua alegria e a sua garrulice cantadeira as horas amargas d'aquela vida negra, negrinha, como amaldiçoada de Deus!

* * *

Um dia na venda disseram ac Tezo, de raspão, entre golas de vinho: Vai-te preparando, Zé, que vai haver baptisado

novo. Padrinho da mãe, padrinho do filho, hein?—

O Tezo embasbacara, parvo mesmo, sem atingir o dichote.

—Ora faz-te de novas, homem. A tua afilhada, a Emilia! Já sabes da doença d'ela?—

—O quê?—gritava o Tezo, atirando a caneca sobre o balcão, n'um arremêso furioso.

—Doença bonita, não haja duvida! Olha que a cachopa anda grávida, homem, a sonsinha... —Zé do Souto não ouviu mais, que as mãos já as tinha êle atado á gorja do outro, os olhos a sair dos buracos, vermêlho, muito vermêlho como um endemoninhado em ataque.

—Eh! que mentes, cigano mentes! Olha que te esgano se mentes, canalha!— O outro grunhia, abafado já, que os dedos do Tezo apertavam demais as carnes:—E' o que dizem.

Larga-me, deixa-me... — O Tezo largou-o, atirou-o para o canto da tasca como um trapo. E fugiu d'ali, atordoado, malhos invisiveis a amacubar-lhe o cranco, n'um desespero!

(Continúa).

João Moreno.

Guimarães, 1923.

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraría, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça para mesa, chá, café, e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97

GUIMARÃES



Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 folhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

GUARDASOLARIA VIMARANENSE

DE—

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasois e chapéus. Concertam-se os mesmos
Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a

Legalmente habilitadas

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 — GUIMARÃES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas

LANIFICIOS

Antiga Merceria e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARÃES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, veios, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO,"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre . . . 350 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso . . . 20

especial

Ao Cidadão

Sociedade de Martin Sarmento